



Congregação Geral 16, 23 de outubro de 2023

O Relatório de Síntese

Contribuição teológica

Rev. Ormond Rush,
Teólogo (Austrália)

Depois de vos ter ouvido ao longo destas três últimas semanas, tive a impressão de que alguns de vós se debatem com a noção de Tradição, à luz do vosso amor pela verdade. Não sois os primeiros a debater-vos com esta questão. Foi um ponto importante de discussão no Concílio Vaticano II. Pensei que poderia ser útil recordar as questões que foram debatidas e as respostas a que chegaram. As vossas respostas são, para nós, a autoridade para orientar as nossas reflexões sobre as questões que *nos confrontam* hoje. Por isso, talvez o Vaticano II tenha algumas lições para este sínodo, uma vez que agora traz à síntese o seu discernimento sobre o futuro da Igreja.

Ao longo das quatro sessões do Concílio, um dos principais pontos de tensão recorrentes foi esta questão da "tradição". Na primeira sessão, em 1962, foi apresentado à assembleia um projeto de texto sobre "as fontes da revelação", que se enquadrava nas categorias do neo-escolasticismo, que falava da revelação, da fé, da Escritura e da tradição de uma forma essencialmente unidimensional: apenas em termos de afirmações doutrinárias proposicionais. Quando foi apresentada ao Concílio, os bispos rejeitaram-na praticamente. No dia seguinte, o Papa João XXIII concordou que era efetivamente necessário um novo texto. Sobre o significado histórico deste debate, bem como sobre a decisão do Papa de intervir, o *perito* do Concílio, Joseph Ratzinger, escreveu na altura

A verdadeira questão subjacente à discussão poderia ser colocada da seguinte forma: A posição intelectual do "anti-modernismo" - a velha política do exclusivismo, da condenação e da defesa, que conduzia a uma negação quase neurótica de tudo o que era novo - devia continuar? Ou será que a Igreja, depois de ter tomado todas as precauções necessárias para proteger a fé, vai virar uma nova página e passar a um novo e positivo encontro com as suas próprias origens, com os seus [semelhantes] e com o mundo de hoje? Uma vez que uma clara maioria dos Padres optou pela segunda alternativa, podemos mesmo falar do Concílio como um novo começo. Podemos também dizer que, com esta decisão, houve um grande avanço em relação ao Concílio Vaticano I. Tanto Trento como o Concílio Vaticano I ergueram baluartes para a fé, para a assegurar e proteger; o Concílio Vaticano II voltou-se para uma nova tarefa, desenvolvendo o trabalho dos dois Concílios anteriores.¹

Essa nova tarefa era um compromisso da fé cristã com a história. O que Joseph Ratzinger viu durante o Concílio Vaticano II como fonte de tensão foram basicamente duas abordagens

¹ Joseph Ratzinger, *Theological Highlights of Vatican II* (Nova Iorque: Paulist Press, 2009), 44. Ênfase acrescentada.

à tradição. Ele chama-lhes uma compreensão "estática" da tradição e uma compreensão "dinâmica".² A primeira é legalista, proposicional e a-histórica (ou seja, relevante para todos os tempos e lugares); a segunda é personalista, sacramental e enraizada na história e, portanto, deve ser interpretada com uma consciência histórica. A primeira tende a centrar-se no passado, a segunda a ver o passado realizar-se no presente, mas aberto a um futuro ainda por revelar. O Concílio usou a expressão "tradição viva" para descrever esta última (DV, 12). Ao falar de uma compreensão dinâmica e não estática da "tradição apostólica", *a Dei Verbum* 8 ensina "A tradição que vem dos apóstolos progride [*proficit*, "desenvolve-se"] na Igreja, com a ajuda do Espírito Santo. Cresce o conhecimento das realidades e das palavras que são transmitidas". E continua a falar de três formas inter-relacionadas através das quais o Espírito Santo guia o desenvolvimento da tradição apostólica: o trabalho dos teólogos; a experiência vivida pelos fiéis; e a supervisão do magistério. Parece-vos uma igreja sinodal, não é verdade?

Segundo uma compreensão dinâmica da tradição, diz Ratzinger: "Nem tudo o que existe na Igreja deve, por isso, ser também uma tradição legítima; por outras palavras, nem todas as tradições que surgem na Igreja são uma verdadeira celebração e atualização do mistério de Cristo. Há uma tradição distorcida e uma tradição legítima... Por conseguinte, a tradição não deve ser considerada apenas afirmativamente, mas também criticamente; temos a Escritura como critério para esta crítica indispensável da tradição, e a tradição deve, portanto, ser sempre relacionada com ela e medida por ela".³ O Papa Francisco aludiu a estas duas formas diferentes de entender a tradição, por ocasião do 25th aniversário da promulgação do Catecismo da Igreja Católica: "A tradição é uma realidade viva e só uma visão parcial considera o 'depósito da fé' como algo estático. A palavra de Deus não pode ser esmagada pelas traças como um cobertor velho, na tentativa de manter os insectos à distância! Não. A Palavra de Deus é uma realidade dinâmica e viva que se desenvolve e cresce porque tem como objetivo uma realização que ninguém pode deter".⁴

No centro da recuperação de uma compreensão dinâmica da *tradição* pela *Dei Verbum* estava a recuperação de uma compreensão personalista da *revelação*, tal como se encontra na Bíblia e nos escritos patrísticos dos primeiros séculos da Igreja. A revelação *não é apenas* uma comunicação de verdades sobre Deus e a vida humana, que é articulada nas Escrituras e nas declarações de doutrina em momentos particulares da história da igreja, em resposta a questões condicionadas pelo tempo colocadas à tradição. A revelação é, antes de mais, uma comunicação do amor de Deus, um encontro com Deus Pai em Cristo através do Espírito Santo. *A Dei Verbum* fala da revelação divina em termos de amizade pessoal e de encontro, e especialmente em termos de amor e de verdade. Permitam-me que cite DV 2: " Em virtude desta revelação, Deus invisível, a partir da plenitude do seu **amor**, dirige-se aos homens e mulheres como seus amigos, e vive entre eles, a fim de os convidar e admitir à comunhão com Ele... A **verdade** mais íntima [*intima veritas*] assim revelada acerca de Deus e da salvação humana resplandece para nós em Cristo, que é ele próprio, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação" .

Na *Dei Verbum* - e isto é importante para compreender a sinodalidade e o próprio objetivo deste Sínodo - esta revelação divina é apresentada como um encontro contínuo no presente, e não *apenas como* algo que aconteceu no passado. O acontecimento da auto-revelação de Deus (sempre em Cristo, através do Espírito Santo) e a oferta de Deus de relacionamento, continua

² Ver também Joseph Ratzinger, "Capítulo II: The Transmission of Divine Revelation", em *Commentary on the Documents of Vatican II. Volume 3*, ed. Herbert Vorgrimler (Nova Iorque: Herder, 1969), 181-98.

³ *Ibid.*, 185. A intervenção de Meyer pode ser encontrada em AS III/3, 150-51. Para uma tradução inglesa do seu discurso, veja Albert Cardinal Meyer, "The Defects of Tradition," in *Third Session Council Speeches of Vatican II*, ed., William K. Leahy e Anthony T. Massimini (Glen Rock, 1945)

⁴ https://www.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171011_convegno-nuova-evangelizzazione.pdf [Acedido em 26 de julho de 2022].

a ser uma realidade viva aqui e agora. Isso não significa que possa haver uma nova revelação de quem é Deus. Mas, o mesmo Deus, no mesmo Jesus Cristo, através da iluminação e capacitação do mesmo Espírito Santo, está sempre a envolver-se e a dialogar com os seres humanos no sempre novo aqui e agora da história, que move incessantemente a humanidade para novas percepções, novas questões e novos conhecimentos, em diversas culturas e lugares, à medida que a Igreja-mundo avança no tempo para um futuro desconhecido até ao *eschaton*.

Vemos esta atualidade do diálogo divino-humano na *Dei Verbum* 8: "Deus, que falou no passado, continua a dialogar com a esposa do seu Filho amado [a Igreja]. E o Espírito Santo, através do qual a voz viva do Evangelho ressoa na Igreja - e através dela no mundo - conduz os crentes à verdade plena e faz com que a palavra de Cristo habite neles em toda a sua riqueza." Portanto, de acordo com Joseph Ratzinger, na *Dei Verbum* é-nos dada "uma compreensão da revelação que é vista basicamente como um diálogo... [A] leitura da Escritura é descrita como um *colloquium inter Deum et hominem* [um diálogo entre Deus e os seres humanos]... O diálogo de Deus é sempre realizado no presente... com a intenção de nos forçar a responder."⁵

Este Sínodo é um diálogo com Deus. Esse tem sido o privilégio e o desafio das vossas "conversas no Espírito". Deus está à espera da vossa resposta. No final desta semana de síntese, talvez queiram começar essa síntese dizendo, como fez o primeiro Concílio de Jerusalém, descrito nos Actos 15: "O Espírito Santo e nós próprios..." Naquele tempo, a carta que eles dirigiram às Igrejas abordava então uma questão sobre a qual o próprio Jesus não tinha deixado indicações específicas. Eles e o Espírito Santo tiveram de chegar, em conjunto, a uma nova adaptação do Evangelho de Jesus Cristo a essa nova questão, que não tinha sido prevista antes.

O Vaticano II, por conseguinte, exortou a Igreja a estar sempre atenta aos movimentos do Deus revelador e salvador, presente e ativo no fluir da história, atendendo aos "sinais dos tempos" à luz do Evangelho vivo.⁶ O discernimento dos sinais dos tempos no presente procura determinar o que Deus nos impele a ver - com os olhos de Jesus - nos novos tempos; mas também nos impele a estar atentos às armadilhas - onde poderíamos estar a ser arrastados para formas de pensar que não são "de Deus". Estas armadilhas podem estar ancoradas exclusivamente no passado, ou exclusivamente no presente, ou não estarmos abertos à futura plenitude da verdade divina para a qual o Espírito da Verdade está a conduzir a Igreja. Discernir a diferença entre oportunidades e armadilhas é a tarefa de todos os fiéis - leigos, bispos e teólogos - todos, como ensina a *Gaudium et Spes* 44: " Com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e julgá-las à luz da Palavra de Deus, de modo que a verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo conveniente".⁷ Essa "verdade revelada" é uma pessoa, Jesus Cristo. Assim, enquanto nos encaminhamos para o discernimento da nossa síntese final, deixemo-nos guiar pela injunção da Carta aos Hebreus 12,2: "Mantenhamos os olhos fixos em Jesus".

Meyer, Albert Cardinal. "Os Defeitos da Tradição". Em *Third Session Council Speeches of Vatican II*, editado por William K. Leahy e Anthony T. Massimini, 79-80. Glen Rock, N.J.: Paulist Press, 1966.

Ratzinger, Joseph. "Capítulo I: A Revelação em si". Em *Commentary on the Documents of Vatican II. Volume 3*, editado por Herbert Vorgrimler, 170-80. Nova Iorque: Herder, 1969.

---. "Capítulo II: A Transmissão da Revelação Divina". Em *Commentary on the Documents of Vatican II. Volume 3*, editado por Herbert Vorgrimler, 181-98. Nova Iorque: Herder, 1969.

---. *Theological Highlights of Vatican II*. New York: Paulist Press, 2009.

⁵ Ratzinger, "Capítulo I: A Revelação em si", 171.

⁶ GS, §4. Ver também GS, §11.

⁷ GS, §44.